

Um ciclo dos costumes em Tácito? *Anais* 3.55

Juliana Bastos Marques

Doutoranda em História, Universidade de São Paulo

Em um trecho dos livros dos *Anais* dedicados ao principado de Tibério, Tácito faz uma análise das mudanças morais da sociedade romana entre o período Júlio-Claudiano e a ascensão de Vespasiano, e propõe a seguinte explicação: “A não ser que talvez exista algum tipo de ciclo em todas as coisas, e assim como se sucedem as estações, também mudam os costumes”¹. Mas o que Tácito queria dizer com esse “ciclo dos costumes”? Existiria *nos Anais* talvez algum indício dele?

Pensar uma possibilidade de ciclos na narrativa de Tácito, morais ou não, significa em maior escala tentar compreender sua visão de tempo, construída tanto empiricamente quanto como abstração teórica. É surpreendente notar que este é um assunto pouco explorado na vastíssima extensão da literatura especializada referente ao autor. Sir Ronald Syme, por exemplo, dedica a esta passagem pouco mais de um parágrafo, dentro das mais de oitocentas páginas de seu livro, parafraseando o conteúdo da mesma e adicionando um breve comentário². Tomaremos como base deste questionamento a reflexão apresentada por Torrey J. Luce quando confrontado com nosso mesmo tema, ou seja, sobre como é possível retirar do texto de Tácito suas idéias sobre a temporalidade e a história romana³. Em seu artigo, Luce se propõe a adicionar comentários sobre os dois textos mais diretamente relacionados a este tema, que são um livro altamente prolixo, de Reinhard Häussler, e um artigo diminuto, de Francis R. D. Goodyear⁴.

¹ *Anais* 3.55: “Nisi forte rebus cunctis inest quidam velut orbis, ut quem admodum emporum vices ita morum vertantur”. Para o texto em latim, consulte-se a edição da Teubner. Em inglês, Tacitus. *Histories and Annals*. London: Heinemann, 1980 (Loeb Classical Library, 4 vols.).

² Que ressalta apenas o caráter de dúvida na reflexão feita por Tácito: “Tacitus was aware that large factors operated in human history. To describe them was not easy. The historian can illustrate social change by means of a digression or speech subsidiary to the annalistic record, but he cannot elevate it to the central theme in an exposition that shall embrace not only Romans but the whole empire of Rome”. Cf. Ronald Syme. *Tacitus*. Oxford: Oxford University Press, 1960. 2 vols. P.444.

³ Torrey J. Luce. “Tacitus’ conception of historical change: the problem of discovering the historiariis opinions” in: *Past Perspectives - Studies in Greek and Roman Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. Pp.143-157.

⁴ Reinhard Häussler. *Tacitus und das historische Bewusstsein*. Heidelberg: Karl Winter, 1965 e Francis R. D. Goodyear. “Cyclic development in history: a note on Tac. *Ann.*, 3.55.5” in: *Papers on Latin Literature*. London: Duckworth, 1992.

Häussler trata dos mais diversos aspectos do tempo na história e em Tácito, mas praticamente ignora a importância da “teoria cíclica” esboçada pelo historiador - o trecho é apenas mencionado como um *topos* romano. Sua conclusão sobre a questão da originalidade do pensamento taciteano é, ademais, certamente decepcionante: “Tácito não tinha nenhuma consciência histórica; além disso, toda a historiografia romana era incompetente para tanto”⁵. Já o *paper* de Goodyear, em suas altamente condensadas cinco páginas, tem como objetivo demonstrar a originalidade de Tácito, ao entender que a reflexão sobre um possível ciclo dos costumes, *mores*, é distinta da questão dos ciclos das constituições políticas. Goodyear cita diversos trechos de outros textos antigos, numa tentativa de mostrar como eles não se encaixam exatamente no que Tácito quer dizer, e assim temos constantemente observações como “a faint resemblance to what Tacitus says” (Plutarco. *Vida de Sila* 7.8), “There is, I think, little affinity in their views” (Sêneca. *De beneficiis* 1.10.1), “But it is untypical, and (apparently) uninfluential” (sobre Ovídio). Goodyear, entretanto, não chega a uma conclusão muito satisfatória e termina seu texto apenas admitindo que a originalidade de Tácito deriva de sua constatação que “there are developments in social history which defy ready and precise explanation”⁶.

Luce já de início percebe problemas metodológicos ao lidar com o tema e destaca, aliás citando o próprio Goodyear, as razões da dificuldade em se conhecer de fato as “verdadeiras” opiniões taciteanas. Ele cita os padrões literários romanos, que ajudam a explicar os motivos da presença da digressão no parágrafo 55: a questão da retórica (qualquer romano bem versado nos princípios da retórica deveria ser capaz de expor com igual eficiência os dois lados opostos de um determinado assunto⁷) e o fato de que a narrativa histórica entre os antigos tinha sempre a necessidade de apresentar um caráter de entretenimento para os leitores (não bastasse ter credibilidade e imparcialidade, o texto também deveria proporcionar uma leitura agradável e edificante).

O terceiro elemento são as por vezes desconcertantes contradições taciteanas. Elas estão presentes no caráter do Principado, que é ao mesmo tempo tirânico mas preferível ao caos da guerra civil, e até mesmo na República onde também a tirania e o caos estiveram presentes. Estão presentes na difícil relação de Tácito com a religião, os deuses e se estes

⁵ “Tacitus habe kein historisches Bewußtsein gehabt; die ganze römische Geschichtsschreibung sei dazu unfähig gewesen”. Cf. Häussler, op.cit. p.411.

⁶ Goodyear, op. cit. p.147.

⁷ Veja-se para isso Quintiliano e Cícero. *De oratore*.

determinam ou não os assuntos humanos⁸. Estão presentes na atitude dos senadores, em conjunto ou individualmente: sua servidão é ao mesmo tempo seu único caminho para a sobrevivência. E o que dizer então dos imperadores? Exemplos mais evidentes são Oto, Vespasiano ou até mesmo Tibério e Nero, cujas “verdadeiras” personalidades só se revelam por força das circunstâncias que gradualmente as libertam.

Por fim, o último ponto levantado por Luce é o problema das fontes que Tácito utiliza - um tema que já rendeu grandes discussões, especialmente no século XIX, quando a *Quellenforschung* tinha mais adeptos e prestígio. Entretanto, as dificuldades surgidas com o estudo das fontes demonstraram que é na verdade impossível supor que o texto de Tácito seja um conjunto de “camadas” superpostas, as quais basta detectar para saber de onde vieram. A complexidade taciteana em particular torna tais objetivos não apenas inviáveis como também quase irrelevantes.

Diante desses problemas, como seria ainda possível encontrar nos textos a concepção taciteana de temporalidade? Se cada afirmação faz sentido dentro de um determinado contexto, o que se pode deduzir abstratamente de seu pensamento? Ou tal objetivo é portanto impossível? A teorização a respeito do conceito de tempo na história não fazia parte do gênero historiográfico na Antigüidade, ao menos de forma sistemática e recorrente. Mesmo assim, a cultura romana tem uma constante preocupação com o passado ancestral, sua relação com o presente e com sua continuidade no futuro. Portanto, mesmo que de maneira intuitiva, Tácito invariavelmente constrói planos distintos de temporalidades para situar os eventos que narra, e também os julga de acordo com os padrões de valor de sua realidade contemporânea.

Em primeiro lugar, ao descrever o passado mais remoto, ele retransmite a tradição da história romana, e portanto o problema de determinar suas opiniões não é nesse sentido tão impossível de se compreender. A ele seria impensável questionar e reformular toda a produção histórica até Ácio, da qual ele se considera sucessor imediato⁹. O outro ponto da análise, de elaboração um pouco mais complexa, significa aceitar a conclusão de que não se deve ler os fragmentos relevantes completamente retirados do contexto em que se inscrevem. O que não implica na impossibilidade de compreendê-los: é justamente ao

⁸ Exemplos: não determinam - *Histórias* 1.3; determinam - *Anais* 16.16.

⁹ “The writer of a non-contemporary history [...] was not as free as the historian of his own times to shape the tradition (since it was already established), and it is important to note that no ancient historian - not even a Polybius or Thucydides - takes the radical step of tearing the whole edifice down and starting from the beginning. It is true that an historian may reject this or that detail, but he does not abandon the framework

entender o contexto de um determinado trecho analisado que poderemos ver o que Tácito quer demonstrar, de tal forma que os planos temporais por ele apresentados possam ser mais corretamente percebidos.

O contexto deste parágrafo é portanto crucial para que possamos entender seu propósito e argumentos. A partir do parágrafo 52, Tácito relata um debate no Senado a respeito da adoção de medidas punitivas para controlar o excesso de luxo nos banquetes, *luxus mensae*¹⁰. Os senadores, segundo o historiador, estariam preocupados com a possível adoção de leis que punissem certos costumes já consolidados e praticados entre todos, e que tinham se tornado cada vez mais comuns. Assim, a aplicação de leis severas afetaria muitos, de maneira talvez injusta e desordenada. Os senadores então pedem a intervenção de Tibério, que, reticente, prefere se omitir da decisão sobre o assunto e apresenta uma carta justificando sua atitude (parágrafos 53 e 54).

O tema é, em última instância, as leis romanas em geral. Trata-se de um aspecto particular do problema da distorção do propósito da lei, a partir do qual Tácito reflete sobre os motivos da necessidade de restrições para a sociedade¹¹. O problema se resolveu sozinho, gradualmente, pelo declínio do luxo e da ostentação a partir de 69 d.C. A partir daí Tácito abstrai a questão dos *mores*, observando e conjecturando a respeito das razões da mudança de um período de ostentação para outro de parcimônia e austeridade.

A carta de Tibério, especialmente no parágrafo 54, contém elementos que auxiliam na compreensão dos argumentos taciteanos. Algumas das idéias apresentadas nela coincidem com as opiniões expressadas em outros pontos do texto. Vejamos: a. Tibério fala sobre os males do presente¹²:

Todas as leis feitas por nossos antepassados, todas as que o divino Augusto instituiu, caíram aquelas no esquecimento, e estas - o que é ainda mais vergonhoso - foram desprezadas, e isso deu ainda mais alicerces para a luxúria. Pois se alguém deseja

already established by his predecessors”. Cf. John Marincola. *Authority and Tradition in Ancient Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. P.106.

¹⁰ Assunto que é, de fato, presença constante do tema na literatura romana. Cf. Horácio. *Sátiras* 2.8; Petronio, *Satyricon*; Juvenal 5 e 11; várias instâncias em Sêneca, como nas *Epístolas* 47.2; 89.22; 95.15-19; 110.12-13; e a compilação jurídica de Aulo Gélcio 2.24: *De uetere parsimonia deque antiquis legibus sumptuariis*.

¹¹ Como destacam Anthony J. Woodman e R. H. Martin. *The Annals of Tacitus, Book 3*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. P.377: “[...] the section is a counterpart of, and variation on, that at 25-28 above. Each deals with an aspect of social legislation; but, whereas in the earlier case Tiberius’ action (25.1, 28.4) framed and was explained by a centrally placed digression on past history (25.2-28.3), here the emperor’s inaction holds the centre stage and is justified by a *concluding* excursus on *future* history.”

¹² “Tot a maioribus repertae leges, tot quas divus Augustus tulit, illae oblivione, hae, quod flagitiosius est, contemptu abolitae securiorem luxum fecere. Nam si velis quodnondum vetitum est, timeas ne vetere: at si prohibita impune transcenderis, neque metus ultra neque pudor est”.

algo que não é proibido, teme-se uma possível proibição; mas se a lei é descumprida impunemente, não há mais qualquer medo ou pudor.

Em seguida, sobre o passado¹³:

Por que então antigamente a parcimônia era eficaz? Porque todos se controlavam, porque éramos uma cidade unida, e nem existiam as mesmas tentações enquanto apenas a Itália estava dominada.

E explica por que ocorreram mudanças¹⁴:

Pelas vitórias externas aprendemos a consumir os recursos dos outros, pelas internas, os nossos próprios.

De fato, a correspondência entre esses e os argumentos que o próprio Tácito apresenta, a partir da influência de Salústio, é muito evidente¹⁵. Aqui estão presentes os mais recorrentes aspectos negativos da expansão romana - um *topos*, sem dúvida: o perigo do contato com outras sociedades, e o aumento da prosperidade e da ambição. Tácito conclui, ao abrir o parágrafo 55, que de fato a ostentação do luxo predominou entre o início do Principado e o fim da dinastia Júlio-Cláudia, uma época em que a paz e a estabilidade trouxeram preocupações mais relevantes aos indivíduos - o ócio e a fortuna - do que ao Estado.

O corpo principal do parágrafo 55 está dividido em três partes, das quais as duas primeiras se subdividem em outras duas. Em primeiro lugar, Tácito fala das famílias aristocráticas tradicionais, que num primeiro momento se degeneraram devido ao seu novo apego à magnificência, correspondendo à época de *luxus mensae* já mencionada, e num segundo momento, com as perseguições sob Tibério, Cláudio e Nero, se resignaram a ostentar menos suas riquezas para se proteger. Aqui, não ocorre um declínio do luxo por si mesmo, pela inclinação à austeridade, mas sim por motivos externos relacionados ao terror e às perseguições políticas no período Júlio-Cláudio. A segunda parte trata dos homens novos, *novi homines*, vindos do resto da Itália e das províncias, que gradualmente se estabelecem em Roma e trazem à *urbs* seus costumes mais frugais e comedidos, e que,

¹³ “Cur ergo olim parsimonia pollebat? Quia sibi quisque moderabatur, quia unius urbis eives eramus; ne inritamenta quidem eadem intra Italiam dominantibus”.

¹⁴ “Externis victoriis aliena, civilibus etiam nostra consumere didicimus”.

¹⁵ Tácito parece oferecer a nós um aspecto positivo de Tibério; basta ver como essa carta é a mais longa fala em *oratio recta* do imperador no texto.

mesmo tendo prosperado, mantiveram-se com mesmo caráter. Dentre tais homens, um se destaca em particular: o imperador Vespasiano, originário da Itália central, e símbolo dos novos costumes. A terceira parte é uma proposta de generalização das mudanças dos costumes, onde se encontra a idéia do ciclo, e uma comparação otimista entre o passado e o presente.

Admitindo-se portanto que a expansão romana na República possibilitou a riqueza e a prosperidade, que se tornaram desmedidas a partir do fim da guerra civil e do estabelecimento do Principado, o movimento de decadência dos costumes chegou ao ponto máximo, segundo Tácito, no fim do período Júlio-Cláudio, ou seja, com Nero. O ponto de virada é 69 d.C., a partir de Galba - mas especialmente com Vespasiano e o retorno do equilíbrio institucional. A partir daí temos uma volta aos padrões antigos¹⁶, até a época de Trajano e Tácito. Este é um sentido de *renovatio*, que embora não reestabeleça exatamente a virtuosa moral dos ancestrais no início da história romana, retoma algumas de suas características principais. Eis portanto uma razão de ser o momento presente de Tácito um tempo melhor do que o passado recente, que é o período de declínio entre essas duas épocas.

Entretanto, isso significaria dizer que a partir de Vespasiano os costumes mudaram, numa linha ininterrupta até o presente de Tácito? Se Vespasiano é virtuoso, juntamente com Tito, o que dizer porém de Domiciano, o imperador cruel e terrível que Tácito odiava? De fato, devemos admitir que muitas variáveis e possibilidades nessa cronologia dos costumes se devem ao seu caráter altamente esquemático e generalizado. O processo de declínio do luxo e fortalecimento da austeridade é gradual, embora balizado claramente pelo fim dos Júlio-Cláudios e pelos resultados da guerra civil de 69 d.C.

E o que dizer do tal “ciclo dos costumes”? Tácito realmente leva tal possibilidade a sério ou esta é apenas uma reflexão casual? Na verdade, o grande paradoxo é que essas duas hipóteses podem ser satisfatoriamente demonstradas, e isso revela - como sempre - a enorme complexidade de seu texto. Vejamos em primeiro lugar a segunda hipótese: de fato, a abstração da idéia de um possível ciclo dos costumes e da moral, análogo aos ciclos físicos consolidados no pensamento antigo¹⁷, tem a função de servir retoricamente como

¹⁶ Destaque-se a caracterização da moral de Vespasiano, que era *antiquo ipse cultu victuque*, de modos antigos = virtuosos.

¹⁷ Embora a ênfase de Tácito aqui seja o ciclo anual das estações, podemos facilmente remeter a Platão, Aristóteles e até mesmo Políbio.

ponte entre as observações sobre a nova austeridade, os provinciais e Vespasiano, e a constatação de que o presente pode ser tão valoroso quanto o passado¹⁸.

Não existe também nenhum tipo de sistematização no texto de Tácito como um todo que permita dizer que ele tome tal ciclo como premissa, diferentemente do que acontece com Políbio e sua idéia de ciclos constitucionais em todo o capítulo 6 de suas *Histórias*. Os conceitos de decadência e *renovatio* da moral romana estão ou implícitos no texto, através do que podemos inferir pela sua estrutura narrativa, ou ligados diretamente a constatações empíricas (o que é exatamente o caso neste parágrafo). Neste sentido, vemos que seria então inadequado retirar a idéia do ciclo dos costumes do contexto onde ela se insere para aplicá-lo às obras de Tácito como um todo.

Mas mesmo assim, e voltamos à primeira hipótese, ainda há um sentido importante nessa idéia particular de ciclo, que não podemos ignorar. Como Goodyear afirma, a originalidade de Tácito vem do fato de que ele separa completamente o movimento de decadência e *renovatio* da moral do desenvolvimento e sucessão das instituições políticas¹⁹. Pois se o luxo das antigas famílias aristocráticas foi tomando importância cada vez maior desde o fim da guerra civil republicana, temos os seguintes elementos: a) Quando Tácito menciona “antigas famílias aristocráticas” - não há nenhuma menção específica a qualquer período político; *olim*, “antes”, é o único e vago termo relativo ao tempo usado para descrever o aumento da suntuosidade, o que descreve um movimento gradual e generalizado, mais característico de uma “temporalidade moral” do que “política”, b) as perseguições e execuções, de Tibério a Nero, não se deveram exatamente ao fato das vítimas serem ricas e viverem uma vida de luxo, mas sim pela sua “*magnitudo fama*”, a grandeza de seus nomes; e c) a mudança dos costumes foi em boa parte obra da afluência de homens vindos de fora de Roma, como Vespasiano - e isso no fundo é um fator de natureza social. Ou seja, os motivos pelos quais os *novi homines* vieram a Roma podem ser de natureza política ou econômica, enfim; mas suas características morais preexistem tais motivos e são o fator determinante nesse processo de mudança. Portanto, embora a idéia do ciclo dos costumes seja mesmo casual no texto, Tácito parece perceber que o caráter humano no decorrer dos tempos tem um movimento

¹⁸ Woodman e Martin, op. cit. p.407. Mas o que há de melhor no presente não são necessariamente os costumes, mas aqui no caso são as “glórias e artes”, *laudis et artium*, talvez especificamente a literatura.

¹⁹ Michael Sage. “Tacitus’ historical works: a survey and appraisal [índices pp. 1629-1647]” in: Wolfgang Haase e Hildegard Temporini (eds.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II.33.2. Berlin: De Gruyter, 1990. Pp.851-1030, cita trechos de outros autores para afirmar que não há originalidade em Tácito,

próprio. Os costumes estão sim relacionados ao tempo político, sendo geradores ou reflexos de mudanças sociais, políticas e institucionais; mas apesar de Tácito não saber separá-los com precisão, todos esses elementos não formam apenas um sentido único na história. Existem diversas instâncias que funcionam como motores da história para Tácito - e se não temos nele a crença indubitável na fortuna e nos deuses, ele nos mostra que a moral romana tem uma historicidade própria.

mas estes não parecem ter exatamente os mesmos sentidos. Cf. Sêneca. *De beneficiis* 1.10.1; Plínio, o Velho. *História natural* 20 (prefácio), e Plínio, o Jovem. *Epístola* 6.21.1.